

RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, MITO E TRADIÇÃO EM MIA COUTO

Neila Salete G. Froehlich¹

Resumo: A utilização da linguagem do mito por parte dos escritores africanos fundamenta-se no fato de que a sobrevivência do pensamento folclórico-mitológico é uma realidade histórica no meio cultural desses escritores, a exemplo da oralidade, já mencionada anteriormente, tradição inegável e presente nas narrativas de Mia Couto.

Palavras-chave: História, Mito, Tradição, Mia Couto.

Abstract: The use of language by the myth of African writers is based on the fact that the survival of folk-mythological thinking is a historical reality in the cultural milieu of these writers, like orality, already mentioned, in this tradition and undeniable narrative Mia Couto.

Keywords: History, Myth, Tradition, Mia Couto.

A utilização da linguagem do mito por parte dos escritores africanos fundamenta-se no fato de que a sobrevivência do pensamento folclórico-mitológico é uma realidade histórica no meio cultural desses escritores, a exemplo da oralidade, já mencionada anteriormente, tradição inegável e presente nas narrativas de Mia Couto.

Além da história, das ciências de um modo geral e da filosofia, é na literatura que o mito encontra abrigo e que tem continuidade, mesmo diante das atualizações recebidas no decorrer do tempo e pela evolução do pensamento humano.

O teórico russo Mielitinski diz que a utilização do mito é um procedimento significativo para a literatura quando afirma que:

A partir dos anos 50-60, a poética da mitologização começa a ser observada nas literaturas latino-americanas e afro-asiáticas. No caso dessas literaturas, podem coexistir as tradições folclóricas e da consciência folclórica mitológica [...] com o intelectualismo modernista de tipo puramente europeu. Embora o mito e a história apresentem-se como opostos, não podem ser

¹ Mestre em Estudos Literários pela UNEMAT/PPGEL.

separados na literatura mitologizante do século XX (MIELIETINSKI, 1987, p. 350).

Por mais intensa que seja a crítica social, o mitologismo vai estar ligado, de maneira direta, em menor ou maior grau, às tradições locais e nacionais. Esses pressupostos básicos que afirmam também a importância do mito para a literatura do século XX e a coexistência dos aspectos mito, história e tradição nas literaturas da África, são levados em conta para se buscar abordagens de representação do mito e da tradição na narrativa de Mia Couto. Pode-se dizer que o mito não narra apenas um acontecimento, mas também, dá respostas às questões que a razão humana não pode compreender.

Para que se possam rastrear alguns indícios da presença do mito na narrativa, torna-se pertinente que sejam expostos mais alguns estudos de Mielietinski. A propósito, “a literatura está geneticamente relacionada com a mitologia” (1987, p. 239).

Ao longo dos seus estudos, Mielietinski (ibidem) observa as formas da utilização do mito, começando pela Idade Média seguindo até o Renascimento. Conforme o autor, nos séculos XVI e XVII criaram-se tipos literários tradicionais e de força representativa do comportamento humano. Já no século XX, a mitologia dos românticos foi um dos caminhos encontrados para suprir a necessidade da obra literária. O destaque deu-se para a presença do fantástico e do maravilhoso, do humor e da ironia. No entanto, o que Mielietinski julga ser mais original, é o fantástico do cotidiano, consoante a afirmação:

O fantástico do cotidiano se desenvolve com base na máxima. Por um lado, atrás das pessoas, dos objetos e situações mais comuns, descobrem-se forças maravilhosas, fantásticas e míticas do outro mundo e, por outro, essas mesmas forças

fantásticas se apresentam numa forma reduzida, ordinária, cômica (MIELIETINSKI, 1987, p. 344).

Outra forma de mitologização observada pelo autor é o chamado realismo mágico, em que o mitologismo aparece na relação dos motivos crítico-sociais com os da tradição local, nacional. Essa modalidade literária é recorrente entre latino-americanos e afro-asiáticos cuja situação histórico-cultural possibilita a “coexistência e a interpretação de elementos históricos e mitológicos, de realismo social e folclore autêntico” (MIELIETINSKI, 1987, p.433-34).

O que se quer evidenciar é que, apesar do pensamento lógico estar suprimindo o pensamento mítico, essa supressão nunca é total, uma vez que as formulações míticas têm suas raízes no imaginário universal e este se manifesta no inconsciente coletivo. Assim, por mais específicos que possam ser os dramas existenciais, a expressão do mito evidencia questões que dizem respeito à humanidade como um todo, especialmente à sua condição humana.

Comunga-se, também, neste trabalho, a concepção de mito de Mircea Eliade: “Mito é a história verdadeira, narrativa extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (ELIADE, 2002, p.7). Ao fazer uma reflexão dessa afirmação, observa-se que os escritos de Mia Couto nascem de um lugar cultural, onde o mito sobrevive no interior das comunidades, ou na sua forma mais primitiva. O mito fala do que realmente aconteceu ou se manifestou, sendo suas personagens principais os seres sobrenaturais, esses seres que fundam e dão origem ao mundo tal como ele é hoje. Pode-se, desse modo, associar a esta leitura, uma afirmação de Campbell:

Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana [...] Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estarmos vivos, de modo que nossas experiências de vida, tenham ressonância no interior do nosso ser, para que realmente sintamos o enlevo de estarmos vivos. É disso que se trata, afinal, é o que essas pistas nos ajudam a procurar dentro de nós mesmos (CAMPEBLL, 1990, p.5).

Na ótica de Campbell, se entendemos o mito, aprendemos a olhar para dentro de nós mesmos e podemos captar a mensagem dos símbolos, principalmente se aprendermos sobre mitos de outros povos. Entretanto, é difícil fazer a correspondência entre a mitologia arcaica e a simbologia, presentes nas narrativas modernas. Há que se considerar o colonialismo na África, a colonização e dominação dos territórios desde o século XVI, intensificando-se na segunda metade do século XIX.

Nas narrativas e nos contos de Mia Couto, percebe-se a recorrência a situações conflitantes, resultantes da imposição de uma cultura opressora sobre uma cultura africana dominada e sufocada.

Barthes (1989), no seu livro **Mitologias**, em que trata dos discursos que se tornaram míticos na modernidade, apresenta um verbete denominado “Gramática Africana”. Nesse tópico, entre outros vocábulos, destaca “missão”, termo que, segundo ele, “é uma palavra utilizada para as situações mais variadas, sempre justificando a colonização”. (BARTHES, 1989, p.83). Dessa maneira, o colonizador se auto-absolve de qualquer culpa quando afirma a legitimidade da colonização. Na sua visão, as vantagens recebidas são justas, já que ele se julga portador dos valores da civilização e da história, dizendo cumprir uma “missão”.

Para o dominador, não importa ver o colonizado como ele é, mas transformá-lo em outra coisa. Então, começa por negar todas as qualidades que podem fazer do ser primitivo um homem: desumaniza-o, atribuindo a

ele a preguiça, a debilidade, a perversidade, o sadismo, a inaptidão, os maus instintos, o atraso. Esses traços marcados pelo sinal negativo são fundamentais para as exigências afetivas e econômicas do estrangeiro. Tais atributos imputados ao colonizado, justificam as atitudes do colonizador. O eco de tudo isso provoca no africano o aceite dessa imagem proposta pelo outro. Albert Memmi cristaliza a afirmação exposta quando diz: “ganha assim certa realidade e contribui para o retrato real do colonizado” (MEMMI, 1977, p.83).

Nesse contexto, é importante lembrar Homi Bhabha. O crítico mostra como o estereótipo do “outro”, conforme ele denomina, é uma necessidade de autoconservação e de defesa, pois reflete o medo em relação ao diferente, à imagem do outro; Imagem essa que difunde e transmite, cumprindo uma função. “A identidade, ou antes, uma imagem de identidade constrói-se em (através de) um discurso” (BHABHA, 1998, p.103).

Diante disso, o colonizado é obrigado a se aceitar como tal, pois a construção dessa linguagem mostra-o como inferior, já que a colonização o reduziu a tal condição: é uma negação de uma posição no mundo da história.

As causas e consequências da violência nas guerras de libertação dos países africanos apontam as diferenças existentes entre as posições ocupadas pelos diferentes agentes no processo: o povo, o intelectual e os políticos. Para a massa do povo colonizado, há necessidade de transformação total de uma espécie de homens por outra, e isso só se daria de forma violenta. Então, a descolonização representa a destruição de uma das partes. Antes, o africano desumanizado e animalizado era um mal absoluto: os seus mitos, suas tradições e sua história eram a marca de sua inferioridade, de sua indignidade.

Por outro lado, o intelectual se posiciona de outro modo, pelo menos a princípio. Ele procura a paz entre as duas partes, mesmo que seja pouco

provável. Ao contrário do que se espera, o intelectual perde de vista os ideais do movimento, em vez de agir em prol do povo que luta pela terra e pelo pão. Esse pensamento colonialista permite que após a libertação, a nação seja depredada de seus recursos. Semelhante atitude tem a classe política frente à luta pela independência, pois querem mais poder e não rompem contato com o colonialismo, mantendo, assim, o sistema colonial através de negociações. Fanon explica:

A descolonização jamais passa despercebida, porque atinge o ser, modifica profundamente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, na verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a 'coisa' colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta (FANON, 1979, p.20-27).

De uma maneira geral, os processos de colonização e descolonização em Moçambique ocorreram dentro de uma conjuntura histórica conflituosa, que acabou repercutindo também na literatura produzida nesse país. Desta forma, muitas obras literárias produzidas tematizam problemas relativos ao colonialismo e suas consequências. E assim, tanto os poemas e contos, quanto os romances, figuram desde a segregação e discriminação do período anterior à libertação, até a situação de desigualdade e opressão do período pós-independência.

Diante do exposto, podem-se apontar as ressonâncias do mito em **Terra Sonâmbula**, principalmente porque se trata de uma obra que discute questões existenciais e que se utiliza da poética e da mitologização já descritos por Mielietinski anteriormente. Assim, seja por via mitologismo explícito, seja por via fantástico, Mia Couto adota uma forma particular de

organização da narrativa que aponta para uma transgressão da realidade. Os conflitos humanos identificados no mito são problemas que a consciência lógica não consegue resolver, de modo que a explicação transcendental torna-se a única possível.

Referências

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. ÁVILA, M; REIS, E. L. L.; GONÇALVES, G. R. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BARTHES, R. **Da fala à escritura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito/Joseph Campbell**. com Bill Moyers; org. por Betty Sue Foowers; tradução de Carlos Felipe Moisés- São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COUTO, M. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Record, 1993.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Trad. José Lourenço de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Trad. PINHEIROS, A.; FERREIRA, J. P. São Paulo: Cia das Letras, 1983.